

Joaquim Barbosa

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Centro de Linguística da Universidade do Porto; jbarbosa@letras.up.pt

Foco e Tópico: algumas questões terminológicas*

1. Introdução

O termo *foco*, bem como o termo *tópico* a ele geralmente associado, nem sempre têm designado o mesmo conceito, variando a sua referência quer com os investigadores, quer com o quadro teórico em que se desenvolvem as investigações. Por outro lado, os conceitos referidos por aqueles termos têm sido designados por outros termos.

Na maioria das investigações desenvolvidas na trilha de Chomsky (1971) e, sobretudo, de Jackendoff (1972), o termo é usado para descrever proeminências prosódicas que têm uma função semântica e pragmática. Assume-se, nesta perspectiva, que o *foco* “is marked as a feature on phrases in a syntactic description, a feature which is to have both a semantic/pragmatic and phonological/phonetic interpretation” (Rooth, 1996:271)

Ligado de um modo geral à ideia de novidade informativa, o *foco* tem constituído nas últimas décadas um vasto campo de investigação nos campos da fonologia, da sintaxe e – sobretudo após o aparecimento das teorias dinâmicas da *DRT* (Teoria das Representações Discursivas), de Hans Kamp (1981), e da *File Change Semantics*, de Irene Heim (1982) –, nos campos da semântica e da pragmática. As tentativas de identificação do *foco*, a determinação da sua posição na estrutura da frase e o seu papel na interpretação dos enunciados têm ocupado muitos investigadores, como o demonstra a extensa bibliografia que vai sendo publicada. A relação do *foco* com a pressuposição, a quantificação, e com algumas *partículas focalizadoras* como, por exemplo, *only*, são alguns dos temas mais explorados.

Situado, tal como a pressuposição, na zona de 'fronteira' entre semântica e pragmática, as investigações sobre o *foco* têm levado a soluções formais avançadas que fazem as 'fronteiras' vacilarem. Muitas das investigações sobre o *foco* procuram determinar não só o seu papel na forma como as diversas línguas organizam gramaticalmente a distribuição da informação na frase – uma vez que se reconhece que os diver-

* Agradeço as considerações e sugestões feitas pelos colegas do “Grupo de Semântica” do Centro de Linguística da Universidade de Porto, a quem fiz uma apresentação oral da versão preliminar deste trabalho.

soos constituintes da frase podem ter, e geralmente têm, estatutos informativos diferentes –, mas também o seu papel na interpretação do discurso. Lambrecht (1994), por exemplo, cujos trabalhos influenciaram fortemente as investigações posteriores, designa por *estrutura focal* a organização da informação na frase, e propõe para o foco, uma definição relacional que, na linha de Jackendoff, defende que o “foco de uma frase” é a parte da informação que o locutor assume não ser partilhada por si e pelo alocutário, e relaciona-o com a “pressuposição de uma frase”, a parte da informação que o locutor assume ser partilhada por si e pelo alocutário.

Na linha de Lambrecht, Erteschik-Shir propõe a existência de uma estrutura focal, “an annotated structural description (SD) in which topic and focus constituents are marked. F-structure feeds both PF (Phonological Form), and semantics and is sensitive to lexical information” (1997:3). Na sua teoria, (*F-structure theory*), Erteschik-Shir considera que a *estrutura-f* é um “componente básico da linguagem” sendo responsável “for syntactic constraints even in a language such as English, which lacks morphological or (overt) syntactic devices for marking focus or topic (in most cases).” (Erteschik-Shir, 1997: 6).

Apesar da extensa investigação já desenvolvida, e de ser comumente aceite que o foco tem efeitos semânticos e pragmáticos, a noção de foco está ainda longe de ser consensual. Nirit Kadmon, num trabalho que trata de forma muito abrangente as diversas abordagens do foco no quadro da linguística generativa e da semântica formal, afirma que “There is no general agreement in the literature about what it is that defines 'focus', and it is difficult to point to a single basic (pre-theoretic) intuition that lies behind this notion, . [...] Some researchers think, in fact, that we must distinguish different kinds of 'foci', each playing a different role.” (Kadmon, 2000:252/253).

Num quadro teórico diferente, o da tradição funcionalista da Escola Linguística de Praga e dos seus desenvolvimentos mais recentes, o foco “is not some accidental surplus of certain utterances, but an essential constituent of every meaningful and 'point-full' utterance” (Peregrin, 1995a:51). O realce entoacional, acrescenta, é apenas uma forma de marcar o foco quando isso não é feito pela sintaxe da frase. Por isso é defendida a tese de que “all sentences have informational focus” (Jaszczolt, 2001:1652).

As preocupações dos investigadores do Círculo Linguístico de Praga centram-se mais na descrição da estrutura informacional, i.e., no modo como se distribui a informação na frase e nos seus efeitos semântico-pragmáticos, do que na prosódia ou na estrutura sintáctica, o modo como se distribuem na frase os seus diversos constituintes. Afirmando, contudo, que a estrutura sintáctica e a estrutura informacional estão ligadas por diversas formas. A análise (do significado) da frase na tradição funcionalista não é feita em termos de constituência, como na Gramática Generativa, mas de dependência. A representação da frase – *representação tectogramatical* – pretende descrever as relações (de dependência) existentes entre o verbo principal e os *elementos* que dele dependem e não as relações de constituência entre os vários *constituintes* da frase. Deste modo, a representação não dá conta só da forma, mas também do *dinamismo comunicativo* (CD) da frase, já que oferece uma visão da articulação entre seus desenvolvimentos formais mais recentes, nomeadamente no quadro teórico da *Descrição Generativa Funcional* (FGD), e sobretudo com os trabalhos de Eva Hajičová e Petr Sgall. Apesar disso, diz Peregrin, “the mainstream of the Chomskian movement, which

has dominated the linguistic world since the sixties, has left them almost unnoticed” (Peregrin, 1995b:235), acrescentando, todavia, que a situação parece estar a mudar, porque a articulação tópico-foco começa a constituir um desafio para outras correntes que não a de Praga. Frederick Newmeyer lembra que “formal functionalists and their natural allies in formal semantics have discovered many points of mutual agreement with recent work in the Prague School. Recent years have seen productive collaboration between these groups of scholars – a collaboration that promises to intensify.” (Newmeyer, 2001: 121)

Um exemplo de aproximação e de colaboração entre diferentes tradições é o trabalho conjunto de Eva Hajiřová, Barbara Partee e Petr Sgall cujo objectivo afirmado é precisamente “to bring together some ideas that have played central roles in two disparate theoretical traditions in order to contribute to a better understanding of the relationship between focus and the syntactic and semantic structure of sentences.” (Hajiřová, Partee & Sgall, 1998:1). Este trabalho procura explorar a intuição de que o conceito de *estruturas tripartidas*, utilizado em semântica formal, nomeadamente por Barbara Partee, apresenta algumas semelhanças com o conceito de *articulação tópico-foco* explorado por Hajiřová e Sgall, entre outros, na Moderna Escola de Praga. Da mesma data, 1998, é a dissertação de doutoramento de Ivana Korbayová que se propõe “extend the Praguian FGD framework with a formal approach to discourse representation, and, on the other hand, to modify the fundamentals of the DRT in order to take information structure in account.” (Korbayová, 1998:IX)

2. A organização da informação na frase: terminologias mais comuns

Como já foi dito, nas abordagens que pretendem descrever o foco em termos dos seus efeitos semântico-pragmáticos o conceito de foco está, quase sempre, ligado à ideia de novidade, de informação nova, i.e.. a informação que contrasta de algum modo com porções da informação antecedente, pré-existente, no contexto de enunciação (*background*). É a forma como estas porções de informação se organizam na frase que condiciona o seu dinamismo comunicativo. Veremos como nestas abordagens ocorre, explícita ou implicitamente, uma (bi)partição da frase que, de algum modo, reflecte essa articulação.

Nos desenvolvimentos actuais da Escola de Praga isso é explícito: “Topic and focus are two aspects of a single articulation pattern which is basic for every sentence” (Peregrin, 1995a: 56). Jackendoff (1972), tal como Chomsky (1971) também consideraram uma dicotomia, pressuposição-foco, que, como veremos, não corresponde exactamente à dicotomia tópico-foco da Escola de Praga. Mesmo nas abordagens em que a organização da informação não é a preocupação dominante, o foco constitui um traço – fonológico ou sintáctico – que marca um contraste, uma saliência, de um constituinte que fica assim destacado de (em oposição a) o restante da frase.

Nas tentativas de descrição e de definição da partição intuitiva da frase misturam-se por vezes não só as organizações sintáctica e semântica, mas também uma outra organização, a organização da informação que, interagindo quer com a sintaxe quer com a semântica da frase, parece ser algo que funciona a um nível diferente, uma vez que as alterações na distribuição da informação nem sempre alteram o significado da frase.

Tendo presente que, como lembra Heusinger, “During the last 100 years a confusing proliferation of terminology has been used to capture this dichotomy. Most of the terms are used by different theories in different ways” (Heusinger, 1999:100), vou tentar fazer um levantamento, incompleto, dos termos e dos conceitos mais usados nas tentativas de dar conta de forma coerente da bipartição da frase.

a) Sujeito Psicológico e Predicado Psicológico

Na literatura actual sobre o tema, Herman Paul (Paul, 1880) é referido como dos primeiros autores a reclamar a necessidade de estabelecer uma distinção entre a relação gramatical, sintáctica, e a relação a que ele chama – possivelmente por influência das teorias psicológicas então em pleno desenvolvimento –, relação psicológica, que lhe é anterior. “O sujeito psicológico é a primeira quantidade de ideias existente no consciente do que fala, do que pensa, e a ela associa-se uma segunda, o predicado psicológico [...]” (Paul, [1880] 1983:133).

Compare-se a distinção estabelecida por Paul com a distinção descrita por Inês Duarte (Duarte, 2003:316): “...à estrutura sintáctica **sujeito-predicado**¹ corresponde a estrutura temática **tópico-comentário**, i.e., o sujeito designa aquilo acerca de que se afirma, nega ou questiona a propriedade expressa pelo predicado, que constitui o comentário acerca do tópico”. Sem “sairmos de casa” podemos ver como os termos *sujeito* e *predicado* são usados para designar conceitos diferentes. Confronte-se, por exemplo, a distinção de Inês Duarte acima referida com a que é apresentada na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra que apresentando o sujeito e o predicado como “termos essenciais da oração” os definem como: “O **Sujeito** é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o **predicado** é tudo aquilo que se diz do sujeito.” (Cunha & Cintra, 1988:122). Esta é, de facto, a definição tradicional de sujeito e predicado. No entanto mistura a relação sintáctica, entre expressões linguísticas, com a relação semântica, entre *objectos*, relações que Paul afirma ser necessário distinguir “porque nem sempre coincidem” (Paul, [1880] 1983:133).

A organização da informação na frase parece ter mais a ver com as estratégias discursivas dos falantes do que com a organização sintáctica, ainda que os meios ao serviço dos falantes possam variar de língua para língua e possam constituir constrangimentos àquelas estratégias: o acento prosódico e a ordem de palavras, quando a gramática da língua o permite, são dois desses meios, já referidos no trabalho de Paul.

Na oração isolada o predicado psicológico é sempre mais fortemente acentuado, como sendo o mais significativo e mais recente” [...] É verdade que a noção de sujeito está sempre primeiro no consciente da pessoas que fala, mas começando esta a falar, a noção de predicado, mais significativa, pode ir-se esforçando já de tal modo por atingir o primeiro plano, que seja expressa primeiro, sendo o sujeito acrescentado ulteriormente.”(Paul, [1880] 1983: 135).

A ligação do foco e do tópico ao acento e à ordem das palavras viriam a constituir um importante objecto de investigação relacionado, nomeadamente, com tipologias de línguas.

¹ Os negritos são dos autores citados.

b) Tema e Rema

Os primeiros desenvolvimentos de uma teoria da organização da informação na frase surgem com os trabalhos de Mathesius e dos seus seguidores no Círculo Linguístico de Praga, de que foi o fundador. Nos seus estudos comparativos das estruturas sintáticas das línguas checa e inglesa, Mathesius (1929) usa os termos *tema* e *rema* para referir não exactamente a relação psicológica apontada em Paul – ainda que a esta dicotomia tenha sido influenciada pela dicotomia *figura/fundo* da Psicologia da Forma (Gestalt Psychology), proposta pelo psicólogo Max Wertheimer –, mas antes para referir as partes da frase em que se organiza a distribuição da informação. Estes termos foram introduzidos por Hermann Ammann (1928) a fim de evitar os termos da tradição latina *sujeito* e *predicado* para designar uma relação que não é sintáctica, mas informacional: sendo a frase antes de tudo mensagem, que, por natureza, se divide em duas partes, é esta divisão que está na base da dicotomia sujeito-predicado que, no entanto, se tornou ambígua. (cf. Heusinger, 1999:112).

De facto, em Mathesius e nos seu seguidores – sobretudo Jan Firbas e František Daneš – o contraste tema-remática não é unicamente psicológico. Os fundadores da Escola de Praga vêem a linguagem “as a tool for communication and the information structure is important for both the system of language – and for the process of communication” (Heusinger, 1999:115). É, de resto, esta *Perspectiva Funcional da Frase* da Escola de Praga que a distingue das restantes abordagens estruturalistas².

Firbas considera que a relação tema-remática não é dicotómica, mas hierárquica, funcionando a um nível mais vasto na frase (e no discurso) e introduz o conceito de *dinamismo comunicativo* para designar essa relação. O tema será o elemento com o mais baixo dinamismo comunicativo; o rema será a parte com o mais alto dinamismo comunicativo. Mas, como a relação não é dicotómica, podem existir graus intermédios de dinamismo comunicativo.

c) Tópico e Comentário

De qualquer modo, a organização tema-remática está ligada à estrutura informacional da frase e não ao seu conteúdo. Para este é utilizada a dicotomia tópico-comentário, termos que referem, nos termos de Daneš (1970:134), aquilo de que se fala no tema da frase; e o que, no rema, se diz sobre aquilo de que se fala no tema.

Nos seus trabalhos, Daneš considera que, para além da sua estrutura informacional e do seu conteúdo, podemos ainda olhar o acto de comunicação sob uma perspectiva contextual constatando que, em geral, a primeira parte, tema/tópico, contém *elementos dados*, conhecidos, que funcionam como “ponto de partida” do enunciado, enquanto a outra parte, rema/comentário, contém *elementos novos* que constituem o “cerne” do enunciado.

Daneš alarga a relação frásica tema-remática à análise do discurso, estudando o modo como se distribui a informação em unidades maiores do que a frase. É este aspecto dos trabalhos da Escola de Praga que vai ser mais usado nas investigações ocidentais, sobretudo devido aos trabalhos de Halliday de que falarei mais adiante. Julgo que é

² Algumas das considerações acerca dos trabalhos da Escola de Praga e algumas referências bibliográficas são resultado das notas das conferências do Prof. Jaromír Tláškal, da Universidade Carolina, de Praga, na Faculdade de Letras e no Centro de Linguística da Universidade do Porto, em Janeiro de 2004.

por esta razão que a utilização de termos como *tópico*, *comentário*, *estrutura temática*, *progressão temática* e mesmo *tema* e *rema*, que integram algumas das nossas *gramáticas*, só aparecem, em geral, nos capítulos dedicados ao estudo do discurso ou do texto, especialmente quando tratam da coesão e coerência. (vd., p. ex., Mateus *et al.*, 2003: cap. 5; ou Vilela, 1999: cap 3).

d) Tópico e Foco

Das investigações de Dane? resulta claramente uma abordagem tripla da frase: a sua organização, que corresponde à divisão tema-rema, o seu conteúdo, que corresponde à divisão tópico-comentário, e a sua relação com o contexto, que corresponde à divisão elementos conhecidos-elementos novos, que constituem, respectivamente, o *ponto de partida* e o '*cerne*' ou *núcleo* do enunciado. São estes *ponto de partida* e *cerne* do enunciado que a Moderna Escola de Praga designa por *tópico* e *foco* do enunciado. O modo como o tópico e o foco se organizam na frase é designado por *articulação tópico-foco*, que corresponde aproximadamente à ideia de dinamismo comunicativo de Firbas. O tratamento formal da *articulação tópico-foco* constitui actualmente um objecto privilegiado da investigação de Praga.

e) Dado e Novo

Na sua investigação sobre o sistema de entoação em Inglês, Michael Halliday adoptou muito da análise funcionalista da Escola de Praga, mas adaptando-a ao estudo dos aspectos fonológicos do Inglês, língua com uma ordem de palavras bem menos flexível do que as línguas eslavas, nomeadamente o checo, que constituíram o *corpus* principal das investigações de Mathesius e dos seus seguidores. Halliday considera o enunciado organizado numa sequência de unidades tonais, com uma estrutura própria, que constituem a *estrutura informacional* (*information structure*) da frase. Esta estrutura integra quer a distribuição das unidades de informação, a que chama *estrutura temática*, quer a organização interna de cada unidade informacional. A estrutura temática é responsável pela ordem linear das unidades de informação. Em geral o objecto de que fala a frase (*aboutness*), que designa também por *tema*, ocorre no início da frase precedendo aquilo que sobre ele se diz, o *rema*.

Em Halliday, a organização interna das unidades informacionais está, como vemos, associada directamente a aspectos prosódicos. "Information structure is realized phonologically by 'tonality', the distribution of the text into tone groups" (Halliday 1976b: 200), cujo núcleo é constituído por acentos tonais (*pitch accents*) que marcam os *focos informacionais*. Uma definição, não muito rigorosa, parece-me, da organização tema-rema é apresentada em Halliday (1985): "The Theme is one element in a particular structural configuration which, taken as whole, organizes the clause as a message; this is the configuration Theme+Rheme. A message consists of a Theme combined with a Rheme" (Halliday, 1985:39). Halliday considera igualmente os termos *dado* e *novo*, relacionados com o contexto como em Dane?:

One part [da unidade de informação] is the news: what the listener is being invited to attend to as new, or unexpected, or important. The other part is the old stuff: what is presented as being already known to the listener, that which he can take as 'given'. The 'new' is signalled by the tonic accent[...](Halliday 1985:59).

f) *Foco e pressuposição*

A dicotomia *foco-pressuposição* é introduzida por Chomsky (1971) ao estudar o papel dos contrastes entoacionais na semântica da frase, um caso em que “semantic interpretation seems to relate more directly to surface structure than to deep structure” (Chomsky, 1971:199). Chomsky define foco como

[...] a phrase containing the intonation center; the presupposition, an expression derived by replacing the focus by a variable. Each sentence, then, is associated with a classe of pairs (F,P) where F is a focus and P a presupposition, each pair corresponding to one possible interpretation. (Chomsky, 1971:295/6)

Como Halliday, Chomsky admite a marcação prosódica do foco, mas, ao contrário daquele, postula um nível de independência da estrutura informacional, considerando que as noções de *foco* e de *pressuposição* devem ser determinadas a partir da interpretação semântica da frase. (cf. 1971:205).

Partindo de Chomsky (1971), Jackendoff (1972) considera o foco como um conceito semântico que é marcado pelo acento tonal e considera que as noções de foco e de pressuposição denotam, respectivamente, “the information in the sentence that is assumed by the speaker not to be shared by him and the hearer” e “the information in the sentence that is assumed by the speaker to be shared by him and the hearer” (Jackendoff 1972:230).

Contrariando a ideia de que o acento e a entoação em Inglês possam ser meros factores estilísticos “which do not contribute to the essential meanings of sentences”, Jackendoff propõe-se descrever os efeitos semânticos do acento e da entoação em Inglês, mostrando que não só se enquadram na sua teoria da interpretação semântica na gramática generativa, como numa possível teoria do discurso. (cf. Jackendoff, 1972: 229).

Lambrecht usa igualmente a oposição foco-pressuposição em que o foco é a “parte da asserção que não faz parte da pressuposição pragmática” (Lambrecht 1994:52, 213).

3. Algumas aplicações

Embora em algumas investigações surjam outras oposições como, entre outras, *foco-complemento* ou *foco-background*, que pretendem ser definições mais *finas*, sobretudo em semântica formal; e que seja também frequente encontrarmos referidos diferentes tipos de *foco*, independentemente da noção que este termo designa, para os objectivos deste trabalho as oposições descritas são suficientes.

Vejam agora como podemos usar as diversas terminologias para analisar algumas frases do português Europeu. Para ilustrar melhor o dinamismo discursivo associado, em geral, ao foco, vou servir-me da *metáfora do catálogo*, introduzida por Tanya Reinhart (1981) e usada por Irene Heim na teoria da *file change semantics* (Heim 1982). Nomi Erteschik-Shir (1997) usa-a também, com adaptações, na sua teoria sobre a dinâmica da estrutura focal³. Simultaneamente, o uso desta metáfora vai servir também, ainda que de modo não formalmente rigoroso, para ilustrar a noção dinâmica do significado presente nas propostas de Heim (1982) e de Kamp (1981) em que abandonando

³ Em trabalhos anteriores, (Barbosa, 1997, 2001) utilizei a metáfora do catálogo para ilustrar a actualização pressuposicional do contexto.

a ideia de que o significado é uma relação estática entre a linguagem e as *coisas* do mundo, se aceita que numa situação de comunicação a enunciação de uma dada frase é uma *instrução* para actualização do contexto em que a mesma se realiza. (cf. Heim 1982). Tendo isto em conta, consideremos (1)

1) O Mário é professor.

Se imaginarmos os saberes dos falantes como um catálogo de, digamos, uma biblioteca, que pode ser actualizado quer pela adição de novas fichas (novos objectos) quer pela adição de nova informação às fichas existentes (especificações dos objectos existentes), a enunciação de (1) será, numa perspectiva dinâmica do significado, uma instrução para que i) o alocutário selecione do *seu catálogo* a ficha correspondente à entidade 'Mário' e nela especifique que 'é professor'; ou, no caso de tal ficha não existir no seu catálogo, para que ii) o alocutário crie, no seu catálogo, uma nova ficha correspondente a 'Mário' para depois nela inscrever a especificação referida.

Resumindo, a actualização do contexto em que (1) ocorre é feita de forma dinâmica em duas fases: na primeira, é seleccionada uma porção de informação (que deve ser) partilhada pelos participantes no acto comunicativo; na segunda fase é introduzida no contexto informação nova que é, no caso de (1) alguma especificação relativa à informação anteriormente seleccionada.

Parece claro que no momento da enunciação de (1) tem de existir no catálogo dos participantes na cena em que (1) se desenrola uma ficha correspondente a “Mário”, isto é, o locutor de (1) tem de admitir a existência de Mário. Se assim não fosse, o enunciado não teria sentido. Seria como se dissesse: *Eu estou a afirmar que o Mário é professor mas não sei se tal indivíduo existe*. O mesmo se passa com o alocutário: para que possa processar (1) precisa de admitir a existência da entidade Mário porque a informação genuinamente nova veiculado por (1), a especificação de *alguém* ser professor, não pode “cair do céu”. Tem de ter como âncora, como referente acessível, alguma informação a que possa ligar-se, num processo anafórico. Por isso, e antes de mais nada, se o alocutário não possui esta informação, tem de “abrir uma nova ficha”, num processo de acomodação da informação base, e só depois pode processar, ligar, a informação recebida⁴. Dito de outro modo, (1) pressupõe a existência da entidade acerca da qual fala, e asseve uma especificação sobre essa entidade, confirmando, no essencial algumas das abordagens referidas atrás, nomeadamente, Peregrin (1995:51): “The point of an utterance is to get from something known and agreed to something new and informative”.

Numa frase simples como (1) é relativamente fácil avaliar a validade das dicotomias discutidas atrás, já que se pode intuitivamente dividi-la em duas partes distintas: uma expressão nominal, [O Mário] e uma expressão verbal, [é professor] que, do ponto de vista sintáctico, correspondem, respectivamente, às funções de sujeito e predicado⁵. Dispensamo-nos de apresentar os testes que provam esta distribuição.

Do ponto de vista informacional aquelas expressões corresponderão às dicotomias tema-rema, tópico-comentário e dado-novo, ainda que tema-rema designe a organiza-

⁴ Vd. Barbosa (1987, caps. 5 e 6) para uma descrição mais detalhada dos conceitos de ligação e de acomodação da informação pressuposta.

⁵ Ainda que persistam entre nós alguns 'compêndios de gramática' que continuam a considerar que a função Predicado é desempenhada pela forma verbal.

ção da informação na frase; tópico-comentário designe o seu conteúdo informacional; e dado-novo designe a relação da informação com o contexto de enunciação. Pela forma com foi ilustrada a produção de (1) é fácil perceber também que na relação tópico-foco, o foco será designado pela mesma expressão que designa o predicado, o rema, e o comentário.

Para a determinação do tópico da frase podemos utilizar o teste proposto por Reinhart (1981) em que, no diálogo (2), o tópico é representado pela expressão que corresponde à variável x .

2) A: Fala-me de x .

B: x é professor (x = Mário=Tópico)

Para determinar o par *foco-suposição* proposto por Chomsky (1971) precisamos de ter em conta a entoação que em Português Europeu, em frases declarativas na ordem básica SVO, parece ser pouco relevante, ao contrário do que acontece, por exemplo, em Inglês. Consideremos contudo a possibilidade de (1) responder a uma pergunta sobre Mário. (Como é já tradicional, assinalo o elemento focalizado com maiúsculas.)

3) P: Que é (faz) o Mário?

R: (O Mário) é PROFESSOR

Identificado o foco, obteremos a suposição substituindo-o pela variável x . Assim, em (1), se o foco for PROFESSOR, a suposição será 'O Mário é x '. Numa descrição formalmente mais rigorosa, a natureza copulativa do predicador *ser*; em (1), obrigaria a algum cuidado. Ainda assim, parece ficar claro que o foco não corresponde nem ao rema, nem ao comentário das terminologias referidas. Em boa verdade, o foco é um elemento do comentário, já que o realce prosódico recai sobre a expressão [professor] e não sobre todo o SV [é professor], que corresponde ao comentário.

Para se apreciar a influência da prosódia na determinação do foco, voltemos a (1), imaginando a possibilidade de o alocutário não ter escutado muito bem a frase, pelo que pergunta:

4) Quem é professor?

Neste momento o alocutário tem uma instrução para actualizar uma ficha do seu catálogo, mas não sabe qual, i.e., partilha com o locutor a informação de que *alguém* é professor mas não sabe *quem*. A resposta a (4) terá de marcar de algum modo a informação relevante para o alocutário. Os meios de marcação variam de língua para língua, mas em Português Europeu o realce prosódico e a ordem de palavras são dois desses meios. Na resposta (5a), que só tem foco, este é, julgo, marcado pela entoação; na resposta (5b) foi alterada a ordem de palavras para que o foco ocorra em último lugar, que é, na ordem básica, o lugar da informação nova.

5) a. (O) MÁRIO!

b. Professor é o MÁRIO.

Na formulação de Chomsky teríamos, em (5b), após a substituição do foco por uma variável x , a suposição 'Professor é x ', o que confirma a teoria. A determinação da suposição de (5a) exigiria uma descrição mais detalhada que não cabe no objectivo deste trabalho.

Vimos que numa frase simples como (1), a parte que veicula saberes (que devem ser) comuns corresponde ao sujeito e que a parte que veicula informação nova, ao predicado. Não é por acaso que, nas concepções tradicionais destas funções se mistura forma e conteúdo. Vejamos, no entanto, o que acontece num enunciado *menos simples*, (6), realizado num contexto já actualizado por (1).

6) O Mário é professor do Joaquim.

Nesta frase, a expressão [O Mário] continua a ter a função sintáctica de sujeito, enquanto o predicado é agora constituído pela expressão [é professor do Joaquim] que designam, na dicotomia tópico-comentário, o tópico e o comentário, respectivamente. De facto a frase fala acerca do “Mário”, o tópico, dele dizendo que “é professor do Joaquim”, o comentário. O teste de Reinhart confirmará esta partição.

Mas sabemos que uma parte do comentário – a ideia do Mário ser professor – era já partilhada por locutor e alocutário depois da enunciação de (1) pelo que o que é verdadeiramente novo é a informação de que o é 'do Joaquim'. Então, na oposição tópico-foco, o foco será referido pela expressão [do Joaquim] sendo o tópico referido por [O Mário é professor]. Temos assim claramente ilustrada a distinção entre duas noções de *tópico*: a primeira, que se opõe a *comentário*, usada nos inícios da Escola de Praga e seguida por outras teorias pós-Halliday, designa o objecto de que fala a frase (*aboutness*); a segunda, que se opõe a *foco*, usada pelos investigadores actuais da Escola de Praga, designa a informação não nova, a informação antecedente à enunciação. O teste de Reinhart indicar-nos-á, em princípio, a primeira noção.

Tentemos aplicar a formulação proposta por Chomsky. Como vimos, o foco é marcado pela prosódia sendo a pressuposição derivada a partir do foco. De novo, tentemos determinar o foco a partir de pares pergunta-resposta, aceitando que, nas condições descritas, (6) constituirá a resposta à pergunta: *O Mário é professor de quem?* Neste caso, o foco de (6)=(7) é efectivamente representado pela expressão *do Joaquim*, de onde derivará a pressuposição *O Mário é professor de x*.

7) O Mário é professor do JOAQUIM.

– Press.: *O Mário é professor de x*

8) P: O Mário é quê?

R: (O Mário) é PROFESSOR DO JOAQUIM.

– Press.: *O Mário é x*

9) P: O Mário é quê do Joaquim?

R: (O Mário) é PROFESSOR (do Joaquim)

– Press.: *O Mário é x do Joaquim*

Nestes casos, a informação nova, a informação realmente necessária para o processamento do enunciado, é marcada prosodicamente, o que parece aproximar-se daquilo que, num quadro teórico distinto, defende Jaroslav Peregrin: “intonational highlighting can be seen as a mere way of marking focus in cases where the topic-focus articulation cannot be read of the syntax...” (Peregrin, 1995a:51). Repare-se que, pelo menos em alguns casos, podemos em Português Europeu recorrer à alteração da ordem de palavras.

10) P: Quem é professor do Joaquim?

R 1: Professor do Joaquim é o MÁRIO.

R 2: É o MÁRIO.

R 3: MÁRIO.

Uma nota antes de terminar: não estou a ignorar que *professor* não tem o mesmo valor semântico em (1) e em (6). Em (1), *professor* é um predicado de grau 1, $P(x)$, cuja extensão é constituída pelo conjunto de *indivíduos x*, tais que x é $P(\text{rofessor})$; mas em (6), *professor* é um predicado de grau 2, $P(x,y)$, cuja extensão é o conjunto de *pares ordenados de indivíduos x e y*, tais que x é $P(\text{rofessor})$ de y . Contudo, como o meu objectivo neste trabalho não é discutir as noções de foco, tópico, etc., mas apenas enumerar e comparar algumas das diversas designações por que são referidas essas noções, a natureza dos predicados utilizados não será relevante.

4. Conclusão

O pouco que mostrei sobre algumas questões terminológicas relacionadas com o foco, parece confirmar o que afirma Jaszczolt (2001:1651): “linguists' understanding of the term is still profoundly muddled by terminological confusions on one hand, and the difficulty of reconciling theories of information structure with formal syntax and semantics on the other”, ainda que a grande atenção sobre o tema pareça contrair esta ideia.

Espero contudo ter contribuído para algum esclarecimento dos conceitos utilizados nestas questões e das designações que os referem. Fica para outra investigação a discussão dos fenómenos em si mesmos.

BIBLIOGRAFIA

- AMMANN, Hermann (1928), *Die menschliche Rede. Sprachphilosophische Untersuchungen, 2. Teil* (Cit. Por Heusinger, 1999).
- BARBOSA, Joaquim (1997), *Pressuposição e actualização de informação*. Diss. Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da U. do Porto.
- BARBOSA, Joaquim (2001), Actualização pressuposicional de contextos, *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 101-114.
- CHOMSKY, Noam (1971), Deep structure, surface structure and semantics interpretation, in Steinberg & Jakobovits, eds. – *Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 183-216.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1988), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 5ª ed. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- DUARTE, Inês (2003), Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras, in Mateus *et al.*, orgs. (2003), pp. 275-319.
- ERTESCHIK-SHIR, Nomi (1997), *The dynamics of focus structure*, Cambridge, Cambridge University Press.
- FIRBAS, Jan (1964), On Defining the Theme in Functional Sentence Analysis, *Travaux de Linguistique de Prague*, 1, pp. 267-280.
- FRANTIŠEC, Daneš (1970), One Instance of Prague School methodology: Functional Analysis of utterance and text, in Garvin, org. – *Method and Theory in Linguistics*, Paris, The Hague, pp. 132-146.
- HAJIČOVÁ, Eva; PARTEE, Barbara e SGALL, Petr (1998), *Topic-Focus Articulation, Tripartite Structures and Semantic Content*, Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- HALLIDAY, Michael (1967), *Intonation and Grammar in British English*, The Hague, Mouton.
- HALLIDAY, Michael (1967b), Notes on Transitivity and Theme in English (Part 1 & 2), *Journal of Linguistics*, 3, pp. 37-81; 199-244.
- HALLIDAY, Michael (1985), *An Introduction to Functional Grammar*, London, Arnold Publ.
- HEIM, Irene (1982), *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*, PhD Thesis, University of Massachusetts, Amherst.
- VON HEUSINGER, Klaus (1999), *Intonation and Information Structure*, Habilitationsschrift, accepted by the Faculty of Philosophy, University of Konstanz.
- JACKENDOFF, Ray (1972), *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, MA, MIT Press.
- JASZCZOLT, K.K. (2001), [Recensão de Bosch, *et al.*, orgs. – *Focus: Linguistic, cognitive and computational perspectives*] *Jornal of Pragmatics*, 33, pp. 1651-1663.
- KADMON, Nirit (2000), *Formal Pragmatics*, Oxford, Blackwell Publishers.
- KAMP, Hans (1981), A theory of truth and semantic representation, in Groenendijk *et al.*, orgs. – *Formal Methods in the Study of Language: Proceedings of the Third Amsterdam Colloquium. Mathematical Centre Tracts*, Amsterdam, pp. 277-332.
- KORBAYOVÁ, Ivana Kruijff (1998), *The dynamic Potential of topic and Focus: a pragmatic approach to Discourse representation Theory*, PhD Diss. Universidade Carolina, Praga.

- LAMBRECHT, Knud (1994), *Information structure and sentence form*, Cambridge: Cambridge University Press.
- MATEUS et al., eds., *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed. Lisboa, Caminho.
- MATHESIUS, Vilém (1928), On linguistic characterology with illustrations from modern English, *Actes du Premier Congrès International de linguistes à la Haye*, pp. 56-63, [Repr. In Vachek, J. org. (1964): pp. 59-67.]
- MATHESIUS, Vilém (1929), Functional linguistics, in Vachek, J. org. (1964), pp. 121-142.
- NEWMAYER, Frederick J. (2001), The Prague School and North American functionalist approaches to syntax, *Journal of Linguistics*, 37, pp. 101-126.
- OLIVEIRA, Fátima (1996), Semântica, in: Faria, Isabel H. et al., orgs. – *Introdução à linguística geral e portuguesa*, Lisboa, Caminho, pp. 333-379.
- PAUL, Herman (1880), *Prinzipien Der Sprachgeschichte /Princípios Fundamentais da História da Língua*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREGRIN, Jaroslav (1995a), Topic, Focus and the Logic of Language, *Proceedings of the Göttingen Focus Workshop*, Heidelberg, pp. 50-57.
- PEREGRIN, Jaroslav (1995b), Topic and Focus in a Formal Framework, in Partee, B. Sgall, P., orgs. – *Discourse and Meaning: Papers in Honor of Eva Hajičová*, Amsterdam, Benjamins, pp. 235-254.
- REINHART, Tanya (1981), Pragmatics and linguistics: an analysis of sentence topics, *Philosophica*, 27, pp. 53-94.
- ROOTH, Mats (1992), A Theory of Focus Interpretation, *Natural Language Semantics*, 1, pp. 75-116.
- ROOTH, Mats (1996), Focus, in Lappin, Shalom, org. – *The Handbook of Contemporary Semantic Theory*, Oxford, Blackwell Publishers, pp. 271-297.
- SGALL, Petr; HAJIČOVÁ, E. e PANENOVÁ, J. (1986), *The Meaning of the sentence in its semantic and pragmatic aspects*, Dordrecht, Reidel.
- VACHEK, J. org. (1964), *A Prague School reader in linguistics*, Bloomington & London, Indiana University Press.
- VILELA, Mário (1999), *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª ed., Coimbra, Almedina.

